

Biblioteca Nacional
74 Bisogniano

O TEMPO

JORNAL POLITICO, NOTICIOSO E COMMERCIAL

Assignatura annual

3\$000

REDACTOR-PROPRIETARIO:
SATYRO DE CASTRO MOREIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

ANNO I

AMARANTE (PIAUHY), 16 DE FEVEREIRO DE 1916

NUM 7

A FOME

Quando os animos de todos os politicantes se agitam e preparam-se para uma proxima campanha, as lagrimas dos audaciosos flagellados banham nossas portas, a estender-nos suas mãos emmagrecidas, pedindo-nos um pedaço de pão ou um pouco de farinha.

Quotidianamente, vemos as atravessar o Parnahyba, tiritantes de fome, sem coragem, para a uberosa terra maranhense; e é provavel que alguns pereçam de fome, à beira dos caminhos, porque ninguém lhes dá o necessario para o exodo tristissimo que foram obrigados a emprehender.

Nesta cidade, desdobra-se uma pagina afflictiva, em que lastimamos a suprema miseria que não sabemos pintar com as cores que a dor inspira, porque ella traduz o desespero e as agonias de um moribundo.

Espairecendo nos arredores, visitando as choupanas dos desherdados da fortuna, antolha-se-nos a desolação, diante de familias pauperrimas, a passarem dois e mais dias sem alimentos, cadavericas e quasi exanimas.

Não ha trabalho para os pobres; não têm com que mandem ao mercado comprar um osso sem carne para fazer um caldo.

E' possivel que este clamor não tenha repercutido no coração do governo federal? E' crível que tenhamos patriotismo para derramar o sangue pela Patria, atacada pelos invasores de nosso territorio, e nenhum pela salvação de um Estado pobre, avassallado pela secca, como o Piahy? Que inimiga mais impiedosa e deshumana do que a fome!

Ha dinheiro para festas, para o luxo, para o desnecessario e pataviano para os que estão morrendo de fome, no Piahy!

E os piauhenses não têm tido tão bons patriotas, brasileiros tão abnegados e destimidos, tanto como os filhos dos outros Estados? Lhes têm derramado seu sangue

pela Patria e praticado actos de heroismo e de bravura; entretanto a Patria os deixa morrer á fome, abandonar sem lares e emigrar para outros Estados, numa indigencia penosissima, sujos, immundos, asquerosos, maltrapilhos e quasi sem vida!

Vimos ha poucos dias um flagellado cahido numa calçada desta cidade, desde as 7 da manha as 11 do dia, quando alguns bons o conduziram, estendendo-lhe a mão caridosa.

Fomos informados que falleceu de fome tambem nesta cidade uma infeliz criança, filha de um immigrante.

Que horrenda calamidade!

A Patria se esquece que tambem somos filhos seus, deslembra-se de nós, porque a procura a politica de campanario.

Nós temos contribuido á longes annos com nosso contingente, pagando impostos á União, para manutenção da Patria; e chega o momento de nosso desespero e nenhum auxilio nos vem dessa mãe que estremeçemo e adoramos.

Que vale uma estrada de rodagem em Floriano, um acude em Periperi, pouquissimas linhas telegraphicas?

O mal abrangeu todos os municipios.

Figuremos que seis ou oito destes são accomettidos por qualquer epidemia e o governo manda socorros para dois e despreza os mais.

E' justo esse procedimento? Não, porque os outros deviam ser tambem socorridos.

E' o que nos tem sucedido.

O governo tem enviado auxilios insignificantes para alguns, ficando a quasi totalidade em extrema penuria.

Estamos certo que terminada a secca, continuaremos a pagar os mesmos impostos á União. E' esse o socorro que esperamos.

Estamos desilludidos!

Nenhuma boa de salvação!

Ficamos descontentes com a indifferença glacial do governo federal que, com todo sacrificio, devia encarar a situação milidrosa

de nosso povo; mas não faz nem se fazer porque representamos um zero no mappa da Republica.

Amarante que outrora foi uma cidade prospera, a dominadora do sul, o ponto de convergencia de todos os outros municipios, mesmo os mais longinquo, devido a retirada de alguns capitães e á fallencia de alguns commerciantes de grande nomeada, está hoje abtido e vencido por muitas adversidades. Nesta ultima calamidade que nos sobreveio, uma multidão de cegos, aleijados, decreptos, famintos, todos immigrantes farrapilhos, vindos dos municipios da sul e do norte, tendem a deixar-nos completamente inuidos.

Clamamos no indecerto loco, escrevemos, telegraphamos para o Rio, ao presidente da Republica, aos ministros e aos nossos representantes federaes que não nos respondem e ficam inactivos, suppondo talvez que temos intulos interesses.

Quem gosta do poder vive no fastigio da gloria e na abstença, banquetando-se festivamente com a multidão de thuriphario e incensadores, não sente a desgraça alheia, pouco lhe importa a fome e as angustias de nossos patricios.

E' preciso que offereçamos dos desenvolvimentos dos intellectuaes esta these: O governo da União tem ou não o Estado flagellado pela secca, para que seus habitantes não morram á fome, não fique a uelle despovoado com a emigração de todos os dias para os Estados prosperos?

Pensamos que o governo da União não nos dispensa favores, socorrendo-nos; isso é obrigação por todo os principios e tambem pelo espirito de nossas leis.

São de notoriedade publica a secca e a fome no Piahy, tanto que a familia do presidente da Republica e o Estado de S. Paulo já enviaram esmolas para Therezina.

Acceptamos as esmolas e agradecemos, porque estamos abandonados pelos poderes publicos, mas essas esmolas são insufficientes, não bastam para um Estado que se com-

põe de mais de trinta municípios, esmolas que só chegam para Thezina onde são distribuídas, e não para os municípios que dispõem de menos recursos que a capital, onde ha mais pessoas abastadas.

E viva a egualdade e a fraternidade!

Está claro que o governo federal não se condõe de nossas desgraças, não lhe commove nossa infeliz sorte.

A carestia dos generos alimenticios, como a farinha, o arroz, o feijão, o milho etc, continua exaurindo cada vez mais a população.

Apesar das chuvas, a immigração prosegue a sua via dolorosa, a fome, a miseria, a nudez, o desespero, tudo de mal a peor, porque os flagellados pela secca não comem chuva nem lama.

Ha poucos dias assistimos a uma scena pungitiva. Abriu-se o armazem de farinha de um capitalista.

Uma onda de flagellados precipitou-se sobre elle. O empregado fez quanto poude para rechassal-os e não o conseguiu. Não pretendiam roubar. Catavam aqui e ali os farellos que encontravam pelo chão!

O governo da União não deve deixar-nos em despreso nesta triste contingencia, as migalhas que remetteu a quatro ou cinco municípios, pouco adiantaram, porque o Piahy não é constituído por esses poucos—tem uma população que monta a mais de quinhentos mil habitantes.

Estam exaustos os cofres publicos, mas não nos falta o credito.

Para a defeza de nossa Patria, o governo sabe contrahir empreitimos e fazer sacrificios; ora, a Patria brasileira é formada tambem pelo Piahy cujos habitantes não pedem batalhões nem trincheiras para defeza de suas vidas, pedem somente pão, farinha, feijão, etc, nesta hora suplicante, em que perderam todos os seus haveres, estam fracos, incapazes de trabalhar seriamente.

A fome no Piahy continuará por muito tempo. Nossa lavoura é feita pela população pobre.

Faltaram-lhe sementes para plantarem em suas roças; não têm dinheiro para adquerilas e muitas que semearam, não colherão, porque a peste da lagarta tudo destruiu.

Para onde vamos?

Quê será de nós e qual o nosso futuro diante deste quadro negro que tracejamos?

Do governo do céu não desce o maná, que outr'ora alimentou os israelitas no deserto, e nem o mel

silvestre. Jesus manda dar comida a quem tem fome, vestir os nus e dar pouzada aos peregrinos, e ninguém o faz—é desobedecido em toda linha.

Venha Jesus soccorrer-nos, desça das alturas, multiplique os pães, transforme a agua em vinho e sacie a tantos miseraveis.

E' tempo de nos accudir com um milagre, que é o que pode nos salvar; soccorra-nos!

Quem quer vai, quem não quer manda, eis o apologo das cotovias. Venha Jesus soccorrer-nos.

Não confiem os necessitados nos soccorros do céu e tractem de immigrar, se quiserem salvar suas vidas.

Nem maná, nem multiplicação de pães, nem mudança d'agua em vinho nem soccorros publicos federaes virão amparal-os.

Coragem e pé ligeiro, em quanto é tempo.

Eis o conselho que lhes damos, aos que têm fome e estam maltrapilhos e sem pouso.

Aos Exmos. Srs. Governador do Estado e Secretario da Fazenda

Todos os dias vêm creadores ou ex-creadores á esta redacção pedindo-nos que reclamemos perante a repartição competente e o Ex^{mo} Sr. Governador do Estado contra o imposto de dizimos, que não pode ser cobrado de conformidade com o ultimo lançamento, visto que suas fazendas ficaram reduzidas e algumas extinctas, em consequencia da secca, cujos efeitos perduram.

Não é preciso que os criadores produzam justificações em juizo, para prova dos prejuizos, causados pela secca; basta que o Ex^{mo} Sr. Secretario da Fazenda verifique o augmento dos couros exportados e consequentemente o accrescimento das rendas, nesta parte.

Será injustiça clamorosa conatranjerem-se os criadores de gados ao pagamento dos dizimos.

Ao nosso ver, devia ser-lhes dispensado este imposto, ou reduzido á quarta parte; os fazendeiros e pequenos criadores nada deverião pagar, este anno, appellando em ultima instancia para os sentimentos de philantropia

e de patriotismo da camara legislativa do Estado.

Imploramos ao Ex^{mo} Sr. Governador do Estado compaixão e misericordia para os que perderam seus gados, mal aproveitando os couros das rezas mortas pela fome e a sede.

Esperamos que nossa supplica seja attendida, com benevolencia, e o Ex^{mo} Governador elimine p.r este anno todos os criadores de gados do imposto de dizimos, ficando certo de que a illustre camara dos deputados approvará o seu acto e o povo que o aprecia, bendirá seu governo compassivo e piedoso.

A lei obriga ao imposto, em quanto existe a causa; extinguindo-se esta, desaparece a obrigação.

O caso vertente é excepcional; está fóra da lei; é um accidente que escapa sua acção.

Futuro governo

Não padece duvida que a chapa official Costa—Gervasio está prestigiada pelos mais decedidos e insuperaveis elementos e não obstante a grita que se levanta ao céu da gente, triumphará certamente, levando de vencida os que caprichosamente lhe oppoem resistencia e como uma critica sem saborosa e mephistophelica pretendem enganar os desprecatados. *Rem, non especiem, quæso.* Investigamos os factos e delles deduzimos a certeza de nossa victoria.

Não nos illudimos com as apparencias, mas procuramos a realidade, e esta temol-a, nos documentos que pomos á vista dos curiosos e dos incredulos, como o telegramma que em seguida transcrevemos.

Os representantes rio-grandenses já se manifestaram positivamente pela nossa causa, pugnando pela autonomia constitucional dos municípios.

Manha limpida e serena nos deixa lobrigar no azul de um céu purissimo, o lábaro de nossa victoria.

Não tergiverseis, dignos coestadanos, é nobre nossa causa. Confiae na nossa sinceridade.

Quando vos anunciamos que a candidatura Miguel Rosa, ao governo deste Estado, triumpharia,

muitos o duvidaram e outros o contestaram; e o dr. Miguel Rosa venceu, assumindo as redes do governo.

Agora, declaramos que serão victoriosas as candidaturas Costa—Te vazio e vereis no dia 1 de julho do vigente anno a realização de nossas affirmativas.

Avia para provar aos irresolutos e vacillantes que não nos enganamos, e que o navio em que embarcamos sobrenadará á todas as ondas as mais entumescidas e não sosobrará ás tempestades que o acometam por ventura, pedimos leiam o seguinte telegramma, dirigido ao dr. Miguel Rosa, benemerito governador deste Estado, pelo deputado Joaquim Pires.

•Ric, 5:

Acabo receber Borges—Medeiros o seguinte telegramma:

«Felicito-vos por estar conjurada a crise politica que ameaçava vosso Estado. Não obstante chamarei ainda a attenção dos representantes do Rio Grande que, ciosos da autonomia constitucional dos Estados, saberão com o maior empenho defender a do Piahy, cuja situação nos merece sincera estima. Sempre reconhecido de vossa valiosa solidariedade politica, renfirmo segurancas nossa lealdade e apreço. Attenciosas saudações. Borges Medeiros.»

Publique. Abraços. Joaquim Pires.»

Este telegramma vale muito, porque é de Borges Medeiros, que no seio do P.R.C. dispõe dos mais poderosos elementos de força.

Só nos resta dizer com o eximio poeta Evaristo da Veiga:

Vamos, vamos á victoria, combater e triumphar.

O DR. MIGUEL JULGADO PELO DEPUTADO FEDERAL FELIX PACHÉCO

Apraz-nos reproduzir textualmente as expressões com que o deputado federal Felix Pacheco na carta politica ao Marechal Pires Ferreira, de 3 de janeiro deste anno, sublimou as qualidades de nosso amigo, o benemerito governador do Estado dr. Miguel Rosa.

Diz que o dr. Miguel Rosa tem direito á todas as considerações dos piahyenses e que contra elle se levantou o côro de injustiças...

Diante disto, depois disto... só mesmo injustiça.

Éis o excerpto da carta:

«Absurdo não menor é o da corrente opposta, que chega ao extremo peor de entender que o governador, que se retira, deve ter a sua carreira politica cortada e extincta. Sou insuspeito para dizer aqui que o dr. Miguel Rosa tem pleno direito á todas as considerações dos piahyenses. Contra elle se levantou ultimamente o côro de injustiças que é no Brasil o premio inevitavel dos governos que acabam. A sua tarefa foi das mais penosas e difficeis; elle teve de arcar com os emanescentes de uma situação que se vira forçada a defender a autonomia do Estado para o preservar da incursão ousada do caudilhismo de farda e livrar-nos da salvação caricata. Encontrou as rendas diminuidas pela desvalorisação do nosso principal producto de exportação e teve de lidar com as consequencias de uma calamidade sem exemplo, como a secca actual. Não podia nestas condições operar o milagre do progresso numa era de penuria e abatimento, mas deixa assim de seu esforço muitos titulos que o recomendam, e seria imperdoavel que a paga desse sacrificio fosse o ostracismo forçado. Si lhe não p. demos pôr nas mãos o arbitrio, que aliás, acredito, elle não reclame, de indicar o seu successor, precisamos para ser leal conosco mesmos, não prescindir de sua audiencia, tomando por outro lado o compromisso de assegurar-lhe, desde logo, o posto, a que tem pleno direito pelos seus meritos e serviços, na re apresentação federal.»

COLLABORAÇÃO

A IMMORTALIDADE DA ALMA

O artiguelho do so'aina que zurra em Jerumenha, com a roupage de leão, já foi reconhecido pelas cumpriadas orêlhas, que cheiram a burro.

Ultrapassa os limites do raciocinio, nada instruindo, nada provando, nada convencendo.

É um pobre de espirito, de ignorancia petulante, que se põz em evidencia nos artiguetes que es-

creveu contra os protestantes de Floriano, artiguetes que estão reputados no ridiculo, que nos fez rir muitas vezes, á bandeira despregada, admirando a logica do homem de saia.

Approxima-se a quarta feira de cirzas; nesse dia o trevoso vigario que turva as aguas do Gurgueia com seu halito supersticioso, ao impol-as na frente de seus adeptos, proclama o materialismo, dizendo: «Lembra-te, homem, que és pó e em pó te has de tornar.»

Que illação tiram os auditores dessa solemnidade christã?

Se o homem é pó, é toda materia; se é toda materia, a alma é um producto da mesma, e se o homem é um composto de espirito e materia, como ensina a philosophia do homem de saia, infere-se que destruido aquelle pela morte, está tudo acabado para elle, nada o sobrevive.

Assimile o reverendo estes admiraveis versos de um scientista que tem as orêlhas de homem e não de burro, não zurra nem dá coice.

UNIDADE DA NATUREZA

«Ouve as palavras que te diz o pa-

[dre!

É um quadro confuzo e colorido! Essas lendas em pó se desfarão, Evadioza a verdade surgirá.

Vês um sol a brilhar no firmamento?

E as estrellas mover-se em torno d'elle?

Vês esta que reluz ha milhares d'annos

Acazo pode haver em torno a terra?

Tu podes accender a luz do sol

Mas apagal-a? Não! Tu não o pode!

Como ella vence a escuridão nocturna

Desee modo a verdade o vencerá!

Oh não creias em phrazes, phantasias,

Que não achas ahi felicidade!

Só has de achal-a nesse trilho, onde

Os nobres se consagram á verdade.

É tudo um o que no mundo existe,

É tudo um o que teus olhos vêm,

E se na morta natureza encontras

Espirito e materia, dizer deves

Que espirito e materia é tudo um»

Julio Gompertz

Taxa de imprensa

Segundo vimos em jornaes de Therezina, a taxa de telegramma da imprensa é de vinte e cinco reis por palavra, suprimida a taxa fixa de 600 réis.

«A Gazeta» faz a proposito commentarios bem judiciosos, pois em Therezina e em todo o Piahy os telegrammas da imprensa estavam sendo pagos a 0 50 reis por palavra, e só a 26 de janeiro ultimo o sr. Director Geral dos Telegraphos se lembrou que o Piahy tambem faz parte do mappa do Brazil, fazendo, então, a communicacão devida ao Chefe do nosso districto telegraphico, segundo se vê do seguinte telegramma:

«Circular - De Rio-N.º 21/20 - Chefe Districto: Therezina - A taxa de imprensa está reduzida a vinta e cinco réis por palavra, sem taxa fixa. Barroso.»

FALLENCIA

A requerimento dos negociantes Loureiro, Barbosa & Comp., do Recife, foram rescindida a concordata preventiva do commerciante desta cidade Francisco da Costa e Silva, e decretada a fallencia deste.

Foi nomeado syndico o credor Antonio Sobral Junior, que aceitou o cargo.

A assembléa de credores está marcada para 28 de março vindouro.

Noticias

Esteve nesta cidade o nosso prestante amigo João Soares da Costa, do Angical.

—Tivemos o prazer de abraçar o nosso digno amigo dr. Pedro Borges, filho de nosso amigo Ex.^{mo} Snr. Coronel Raymundo Borges da Silva, honrado vice governador do Estado. O dr. Pedro Borges viajava no «João de Castro» para Floriano, onde, segundo nos declarou, demorar-se-á até novembro deste anno.

—A 11 deste regressou a passagem Franca (Maranhão) de cuja freguezia é vigario, o Sr. conego Euripedes Silva.

—Aqui esteve a 12 deste o nosso prezado amigo major João Gomes da Silva, da Regeneração.

—No «João de Castro» que aqui passou a 14 deste, voltando de Floriano para Therezina, viajava o nosso amigo dr. Euripedes Aguiar, deputado estadual e Intendente daquelle municipio.

—No mesmo vapor aqui embarcaram com destino a Therezina o reverendo padre Antonio Cardoso, capitão Raymundo Pio Mendes e o dr. Antonio Ribeiro Gonçalves.

O nosso prezado amigo Padre Luiz Gonzaga, recebeu, hontem, a noite, o seguinte telegramma, que nos apresentamos levar ao conhecimento dos nossos correligionarios: «THEREZINA, 15:—

Chapa desembargador Costa—Gervazio a) ofada 30 municipios, 18 deputados estaduais, faltando ainda manifestação alguns municipios e deputados julgo solidários comnosco, Dissidentes que propalavam apoio governo federal, nem mais isso allegam, deante nobre, digna attitudede e imparcialidade ex.^{mo} presidente Republica, que não teve, não terá um acto fra autonomia Estado. Nossa victoria certissima. Mostre amigos envie logres não servidos telegrapho. Abraços. Governador

Ao Publico

Quem quizer vestir barato, comprando sempre fazenda de primeira qualidade, procure a loja de D. MARIA AYRES LIMA, rua «Dr. Miguel Rosa», n. 13.

COMPRA

Generos de exportação pelos preços do commercio.

MANOEL ALEXANDRE E SILVA

TEM

Constante e variadissimo sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras, ferragens, louças, café, kerozene, fitas, fantasias, cerveja, cognac e

VENDE

Tudo baratissimo, não se importando com crize nem baixa de cambio.

RUA

«Tres de Maio», Amarante.

COMPRA

Todos os generos de exportação

A LOJA 'ESTRELLA'

—DE—

Satyro de Castro Morcira

RUA

«Amaral», n. 17, é a que vende mais barato nesta cidade.

COMPRA

Todos os generos de exportação, pagando-os pelos maiores preço da praça, e recebe apolices deste Estado com pequeno desconto.

SACCA

Por carta e telegramma contra os Srs. Oliviera Neves & Comp., do Maranhão, e Diocleciano Ribeiro & Comp., de Floriano.

USA

O CODIGO «RIBEIRO.» ENDEREÇO TELEGRAPHICO:

SATYRO—AMARANTE.

e paga sempre pelos maiores preços.

Mecico

Dr. Francisco Ayres Cavalcante clinico nesta cidade e aceita chamado para o interior e para outros municipios.

Consultorio a rua «Dr. Miguel Rosa», n. 13.

Advogado

Dr. Eduardo Olympio Ferreira, rua «Tres de Maio.»

Acceita o patrocinio de qualquer causa neste Estado e no do Maranhão.

PREÇOS DOS GENEROS DE EXPORTAÇÃO

Couros espichados, do Piahy,	
kilo	2400
Dito do Maranhão	2500
Maniçoba prima	kilo 3000
Dita commum boa	2400
Pelles de cabra 1.º	uma 2200
Dita « 2.º	1100
Dita « carneiro 1.º	1100
Ditas « 2.º	500
Crinas	kilo 1100
Côco babassú	300
Resina de jatobá	280
Pennas de era	10000
Algodão em pluma	1500
Dito carço	360
Cera de carnhuba	1400
Mangabeira	1200
DOS CERIAES	
Farinha	50 litros 22000
Arroz em casca	16000
Dito pilado	32000
Milho	20000
Feijão	30000
Gomma	36000
Rapaduras cento	50000